

A concepção wittgensteiniana de intencionalidade e seus reflexos nos estudos da Informação

LUCIANA DE SOUZA GRACIOSO

Universidade Federal de São Carlos UFSCar, Brasil

*A compreensão da linguagem,
tem algo a ver com o problema
da vontade*

MACHADO

INTRODUÇÃO

Procuramos ao longo dos últimos 15 anos, entender alguns dos mecanismos que regem as ações de busca e construção de representações coletivas de informação na web, mais especificamente, a partir do uso de plataformas interativas. Dentre estas ações, nos ocupamos particularmente em procurar compreender os movimentos e os fluxos de significação envolvidos nos processos de indexação social e colaborativa de conteúdos. Sem o intuito de sistematizar estas ações, almejou-se, ao longo destes anos, reconhecer e validar este comportamento de mediação (de construção coletiva de representações e significados) na web, entendendo este como um conhecimento digno de observação e investigação da Biblioteconomia e Ciência da Informação, mas principalmente, por reconhecer os resultados destas ações, como um produto social e culturalmente construído, que por sua vez remodela hábitos, comportamentos e atitudes redirecionando ao mesmo tempo, as formas de uso da linguagem e dos próprios processos

de representação da informação e do conhecimento em sistemas institucionalizados (ou não) de organização e acesso a informação.

Nesta última década recorremos primordialmente à filosofia da linguagem pragmática para nos auxiliar neste percurso, por entender que nesta filosofia são respeitadas as condições, os contextos, as relações sociais como pontos de partida prévios para construção dos processos de significação da linguagem. O compartilhamento de regras e formas de vida entre sujeitos é que determinam o modo como nos comunicamos, nominamos, representamos. Esses pressupostos teóricos, nos permitiram tecer considerações sobre os estudos de usuários e a organização do conhecimento, que se desdobraram também em propostas e aplicações metodológicas voltadas a construção de linguagens dinâmicas e pragmáticas para uso em sistemas de informação estruturados. Contudo, tudo ainda muito impreciso.

A representação ideal da informação, a pureza cristalina almejada na seleção de descritores, as técnicas mais robustas de mapeamento e rastreamentos das ações dos usuários na web, ainda não atingiram sua plenitude. O modo como os resultados de busca da informação se apresentam na Web geram a ilusão do encontro pleno das intencionalidades, se pensadas em uma perspectiva mental. Neste contexto, pressupomos então que as ações de indexação social de conteúdos na rede são resultado dos encontros de intencionalidades, mas que outras formas de se compreender as intencionalidades precisariam ser assumidas, para podermos entender os limites e alcances destes encontros. Assim, vislumbramos que, se compreendermos minimamente esta força motriz, a intenção que desencadeia esta ação coletiva de indexação, poderemos pensar futuramente sobre como melhorar a *Encontrabilidade*, a *Perversividade*, a *Ubiquidade*, ou melhor, a mediação dos sistemas de informação. Adotamos um posicionamento de defesa da validação das ações dos usuários enquanto orquestradores dos conteúdos na web e este capítulo, de modo indireto, tem o objetivo de reforçar esta defesa.

Retraçaremos um percurso que já fizemos em outros momentos, mas agora como um novo mapa e outros pontos de chegada

estabelecidos. Voltaremos à filosofia da linguagem na busca de argumentos e definições que nos auxiliem a compreender o alcance e a profundidade do que seria a intencionalidade, de modo a contextualizarmos nas ações que envolvem a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Retomaremos então nossos diálogos com as obras de L. Wittgenstein (1889-1951), procurando descrever, talvez sem muitas argumentações neste momento, a construção da concepção de intencionalidade pelo autor, procurando entender suas relações com a significação e a comunicação, mas só faremos isto com muita ajuda neste momento.

Filósofo austríaco amplamente reconhecido no circuito do pensamento ocidental contemporâneo, L. Wittgenstein (1889-1951), também tem sido empreendido frequentemente nos estudos informacionais. Seja na perspectiva de seu primeiro momento filosófico, demarcado pela publicação do *“Tractatus Logico-Philosophicus”* (1921), que congrega posicionamentos figurativos e analíticos sobre a linguagem, seja em seu segundo momento filosófico, representada na publicação das *“Investigações Filosóficas”* (1953) que explicita a construção pragmática da linguagem e do significado. Entre estas duas obras, outras produções foram desenvolvidas pelo o que ficou conhecido como *“Wittgenstein intermediário”*. Justamente nestas obras intermediárias é iniciada a construção daquilo que viria a ser o entendimento wittgensteiniano de intenção e intencionalidade, sendo que alguns estudiosos alegam que seria na obra *“Observações filosóficas”* (1930), em que este movimento se afirmaria.

Em ocasião anterior (Saldanha e Gracioso 2014) ousamos propor um conjunto de conceitos wittgensteinianos, que poderiam ser conjecturados no campo da Ciência da Informação. O mais abrangente deles, mas que convergiu o conjunto de posicionamentos que assumimos no plano dos estudos da linguagem no referido campo, é a noção ou a compreensão do que entendemos como *Filosofia da linguagem na Ciência da Informação*:

[...] a filosofia a qual nos ocupamos é aquela que indaga as possibilidades, as validades e os limites da mediação linguística, de modo que a questão do estatuto da verdade se desloca de uma filosofia

La intencionalidad...

da consciência (que considera a supremacia do aparato cognitivo, atribuindo a ele a produção das instâncias humanas de juízos, valores, desejos, crenças e que, por conta disso também é reconhecida como filosofia do sujeito) para uma análise da linguagem em seu uso social. (Saldanha e Gracioso 2014).

Os demais conceitos wittgensteinianos sobre os quais anteriormente nos dedicamos foram: Jogos de linguagem; Regras de vida; Formas de vida; Gramática; Formas de vida (Saldanha e Gracioso, 2014). Acorados neste percurso, teríamos como proposta para este ensaio, incluir o conceito wittgensteiniano de intencionalidade, refletindo sobre sua relação nas ações de mediação da informação, que também se estabelecem via ações de nomeação, descrição e representação coletiva de conteúdos na web.

Antes de nos introduzirmos na intencionalidade wittgensteiniana, recuperaremos três trabalhos, do campo da Ciência da Informação, que se detiveram, em distintas perspectivas, a compreender a intencionalidade associada a diferentes ponderações e práticas: *Sobre os limites e alcances da interpretação: reflexões a partir de Heidegger, Husserl e Wittgenstein* (Gracioso e Pinto 2015); *Questões Epistemológicas sobre o Aspecto Ontológico-Fenomenológico da Informação: a Intencionalidade e a Representação* (Gonçalves e Mucheroni, 2012); *O acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da Intencionalidade para a findability* (Miranda, 2010). Estes trabalhos serão referenciados para compreendermos, em alguma medida, vertentes possíveis e já adotadas pela área sobre a intencionalidade, para posteriormente, poderemos sinalizar que a concepção wittgensteiniana de intencionalidade também poderia vir a compor o quadro de referenciais teóricos sobre o tema no referido campo.

Como aporte a leitura de Wittgenstein, recorreremos aos trabalhos *O que é anterior: linguagem ou intencionalidade?* (Carvalho 2005), *O vínculo entre a linguagem e a realidade Wittgenstein acerca da intencionalidade do Tractatus às Bemerkungen* (Machado 2010), e *A intencionalidade nos parágrafos §20 a §38 das Observações Filosóficas de Wittgenstein* (Mello 2014).

Deixamos aqui, já neste momento introdutório, uma sinalização feita por Machado (2010, 8). “Se tomarmos como por base uma definição suficientemente geral e (na medida do possível) pouco contaminada filosoficamente da intencionalidade, poderemos imediatamente ver como o interesse por essa noção atravessa toda a obra de Wittgenstein”. Esta afirmação já nos coloca sobre aviso do longo percurso que caberia ser percorrido sobre a questão.

Embora estabeleçamos análises diretas nos originais de Wittgenstein, é importante deixar enfatizado que diferentes vozes foram ouvidas para compor esta breve apresentação do que viria ser a intenção e a intencionalidade na perspectiva de Wittgenstein, especialmente aquela construída em sua fase intermediária de produção filosófica. Pressupomos que neste seu momento filosófico, que culmina posteriormente na publicação das *Investigações*, foram criados, expandidos e relativizados conceitos fundamentais em sua filosofia madura, dentre eles: intenção e intencionalidade.

Ao final, arriscaremos sugerir à aproximação da noção de intencionalidade na ótica wittgensteiniana, como recurso teórico e conceitual de ampliação gnosiológica dos estudos da Ciência da Informação, no que diz respeito às investigações e práticas voltadas às ações de indexação compartilhada de conteúdos na web.

SOBRE A INTENCIONALIDADE NOS ESTUDOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Como temos o objetivo de identificar e apresentar, mesmo que minimamente, alguns elementos que compõe a noção de intenção e intencionalidade em obras pontuais de L. Wittgenstein, não faremos apresentações e discussões sobre outros pensadores que se ocuparam do assunto nem esgotaremos a apresentação de todas as possibilidades de descrição destes conceitos seguindo escolas e correntes filosóficas. Sabemos da necessidade disso, e de nossa limitação em fazê-lo neste momento. Contudo, teorias da intencionalidade relevantes teceram a fundamentação de algumas pesquisas que analisamos e apresentamos a seguir, relacionadas especificamente ao

campo da CI e que serão recuperadas neste momento de modo resumizado e introdutório. Essas pesquisas estão sendo mencionadas então, tanto para sinalizar e justificar a coerência sobre a necessidade de aproximação do conceito de intencionalidade nas pesquisas e práticas da CI, como também, apresentar brevemente a intenção e intencionalidade definidos por seus principais teóricos: Betrano, Hurssel e Searle.

Fizemos um primeiro contato com a intencionalidade, no momento em que nos dedicamos a refletir sobre as reconfigurações da ação de interpretação de textos no momento contemporâneo. Assim, problematizamos o que seria a interpretação de textos no cenário tecnológico e virtual de produção e disseminação de conteúdos. Para dar respaldo as nossas reflexões, desenvolvemos um exame dialético parcial sobre três obras: “Ser e Tempo” (M. Heidegger), “Investigações Lógicas, Sexta Investigação: Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento” (E. Husserl), e “Investigações Filosóficas” (L. Wittgenstein). Resumidamente em Heidegger (2004) temos a compreensão como fundamento exclusivo para a interpretação, em Husserl (1996), temos os “desejos da consciência” como orientadores do processo, e, em Wittgenstein (2008), entendemos que as condições de significação são geradas nas formas de vida compartilhadas por sujeitos, funcionando como orientadoras da ação de interpretação (Gracioso e Pinto 2015, 90). As reflexões feitas no referido estudo estiveram fortemente ancoradas nas teses de doutoramentos de seus autores.

Destacamos um aspecto do trabalho desenvolvido, que diz respeito à construção argumentativa em defesa de que a não interpretação seria sim, uma nova construção, a construção de outro texto. Neste processo argumentativo, a intencionalidade tornou-se a veia canalizadora destas ações de interpretação e produção de texto. Recorremos, no entanto, as definições mais clássicas de intencionalidade desde a produzida originalmente por Brentano (1838-1917) até chegarmos a Husserl (1910-1938). De fato, fomos diretamente a Edmund Husserl (já percebendo que as primeiras definições e proposições sobre a intencionalidade de Franz Brentano teriam sido adotadas e desenvolvidas por ele). Assim, entendemos naquele

momento, que qualquer ato de consciência seria intencional, imbuído de intencionalidade, e teria propósitos. A consciência para Husserl seria também uma experiência intencional, seriam as experiências vividas.

Deduzimos no referido trabalho em 2015, que ao dizer sobre a intencionalidade, Husserl (1996) teria falado da intenção de significação e preenchimento de significação. Usamos na ocasião a seguinte explicação: “[...] ao intencionar apreender uma coisa e sua significação, a consciência é, sincronicamente, dotada da intenção de significar e de preencher essa significação. Se a intenção de preenchimento é frustrada, ocorre aquilo que Husserl chamou de “decepções de intenção” (Gracioso e Pinto 2015, 96). Sobre este “comportamento” é que avançamos na ocasião, para procurar entender deste sentimento com a capacidade ou incapacidade de compreender e interpretar textos. “Quando discorre sobre essa problemática, o autor pisa no mesmo terreno que Heidegger, no tocante ao ato de representação da consciência relacionada ao juízo” (Gracioso e Pinto 2015, 96).

Consciência e intencionalidade, em Husserl, sempre visam algo, e são “[...] uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, volição, paixão, etc.), com os quais visa algo” (Husserl 1996, 7). Os *etos* seriam as *noesis* e o que é visado pelo ato os *noemas*. O princípio de redução fenomenológica, sendo a fenomenologia a descrição do vivido, dos atos da consciência e das essências que eles intencionam é que explicaria o intencionar da consciência em Husserl. Aquilo que a consciência intenciona, percebe e apreende, Husserl denominou como “mundo entre parênteses”, mundo transportado para o universo dos conceitos. Inferimos na ocasião que “[...] o mundo a que a consciência intenciona é uma realidade subjetiva, mas que não deixa de ser dotada de uma realidade presente no mundo objetivo visado pela consciência. O que os entes apreendem se estabelece como fundamento para uma compreensão que seja dotada de sentidos” (Gracioso e Pinto 2015, 96).

No momento destas reflexões, recorreremos também ao segundo Wittgenstein, mas ainda, sem nos aproximarmos devidamente de seu conceito de intencionalidade, ou de intenção. Recorreremos a

ele, para trazer no bojo daquelas reflexões, o uso da linguagem (e seu ambiente de significação: formas de vida, regras de vida, gramática) como elemento a ser considerado no processo de leitura e interpretação do mundo e dos textos.

Outra pesquisa, publicada em 2012, que procurou posicionar de modo mais direcionado a intencionalidade nas problematizações da representação da informação foi *Questões Epistemológicas sobre o Aspecto Ontológico-Fenomenológico da Informação: a Intencionalidade e a Representação*, desenvolvida por Robson de Andrade Gonçalves e Marcos Luiz Mucheroni. Os autores associaram apropriadamente a noção de intencionalidade de Husserl como ponto de partida para a compreensão do que seria um ato informativo, pois entendem que “in-formar está intimamente ligado ao conhecer como ato designado e como fenômeno” (Gonçalves e Mucheroni 2012, 6). A subjetividade e a objetividade são simultaneamente pensadas a partir da relação dos sujeitos e objetos, o que por sua vez já criariam abstrações entre aquele que conhece e o que é conhecido.

Não retraçaremos aqui o percurso teórico dos autores, mas daremos destaque às aproximações que foram feitas aos atos de representar. Representar e dar forma são conceitos intimamente ligados e que “[...] não se operam como entidade autônoma perante o sujeito, mas como resultante do processo de desvelamento do ser, constituinte de uma relação entre sujeito e objeto que se dinamizam, escapa à quantificação e resultam em uma investida dotada de intencionalidade, ou seja, uma troca com o Outro que não se imobiliza” (Lévinas, 1998 citado por Gonçalves e Mucheroni 2012, 6). Os autores fizeram esta citação ao trabalho de Lévinas (1998) e a partir do compartilhamento deste entendimento, irão considerar que a intencionalidade e a representação estão diretamente relacionadas (a partir das correntes teóricas adotadas). “Toda a representação detém intenção. “[...] quando pensamos então numa representação da representação, em outras palavras, os metadados, analogias lógicas de um ente, percebemos uma expansão ainda maior do conceito, contrário ao caminho objetivador e redutor” (Gonçalves e Mucheroni 2012,8). Por isto, os autores atentam

que o que se registra em documentos (que por sua vez são representados) é um saber vivo, e, portanto os aspectos da vida devem ser relevados neste processo de representação. “O representado remete sempre a um *a priori* de ação humana, política, uma particularidade em um contexto” (Gonçalves e Mucheroni 2012, 8). Com isto, e ancorados nos estudos de Safranski, os autores irão sinalizar que o ato de informar está sujeito a todas as abstrações que envolvem o “contato do Ser-no mundo”. Assim também estaria o ato de representar, contudo, as práticas atuais de representação da informação, promoveriam, um “[...] afastamento do ser, da origem da representação ela mesma, que se dá num processo dinâmico, vivo” (Gonçalves e Mucheroni 2012, 9). Esse seria o ponto crítico, a problematização que fora circunscrita pelos autores, e que a noção da intencionalidade, pode iluminar e até mesmo justificar ou explicitar que tais críticas a algumas ações de representação e de compreensão dos atos de informação se fazem necessárias para que não percamos, ao longo de nossas práticas, a coerência com a essência humana.

O terceiro e último trabalho que selecionamos para fazer parte deste conjunto de apresentações de pesquisas que envolvem a intencionalidade em problematizações relacionadas à informação, foi o de Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda, (2010). A pesquisadora dedicou seu doutorado a discutir e propor uma metodologia para orientar o acesso à informação no paradigma pós-custodial e teve como orientação conceitual, a teoria da intencionalidade (mais especificamente na perspectiva de J. Searle (1932-), o *fenômeno infocomunicacional* e *finadability*. A compreensão da intencionalidade, adotada ao longo do trabalho é a de que: “A partir da Intencionalidade, é possível fazer uma relação de consciência com o objeto ao ajustar e entender a palavra, para então significar principalmente intenções mentais ou cognitivas que poderiam ser postas em prática”. Este ponto de vista, permite a autora afirmar “[...] é a experiência consciente que deve ser referida às formas de informação, aos processos e ocorrências na mente cérebro” (Miranda 2010, 155).

Searle (1999) propõe que estados Intencionais e os objetos ou estados de coisa para o qual estão direcionados sejam analisados a partir dos atos de fala, o que não quer dizer que a intencionalidade seria linguística. A interpretação de Miranda (2010), a partir da análise da obra de Searle (1999) é a de que: “A partir dos atos de fala é possível identificar a Intencionalidade, porque, por meio deles, são expressas as crenças, desejos, temores, dúvidas; são compostos por um conteúdo proposicional, aquilo em que se acredita, se deseja, teme, duvida”. (Miranda 2010, 157). Ainda, as análises da obra de Searle (1999), permitiram a autora, concatenar as seguintes explicações sobre a intencionalidade: “A Intencionalidade tem um estado Intencional (necessidade, desejo, crença), que, por sua vez, tem uma direção de ajustamento (diretiva ou assertiva), essa direção de ajustamento é que determina as condições de satisfação quando alcança um conteúdo proposicional” (Miranda 2010, 159). Fato é que o estado intencional não necessariamente deverá/poderá ser satisfeito já que o objetivo referido pode não ser alcançado pelo conteúdo proposicional. Outro elemento complementar é que “Um estado Intencional só é o estado que é devido a sua posição numa Rede de outros estados Intencionais, e sobre um background de atitudes e suposições” (Miranda 2010, 106). Isto implicaria dizer que:

As condições de satisfação para o sujeito podem ser determinadas e residirem numa rede de outros estados Intencionais. Estes, por sua vez, são uma espécie de suporte que reúnem as práticas e atitudes que antecedem o estado Intencional propriamente dito. (...) Essa rede e background assumem-se, portanto, como uma condição determinante do próprio estado Intencional, estando ele relacionado a outros estados Intencionais. (Miranda 2010, 160)

Generalizando, as conclusões da autora indicam que, no contexto dos estudos da informação, a intencionalidade estaria diretamente relacionada às ações de *findability* na perspectiva da direcionalidade de informação, que por sua vez terá como ponto de partida as experiências de cada usuário, construída a partir de suas redes de vida, que modelará suas ações relacionadas à busca e a

recuperação da informação. Esta conclusão nos alicerça também, para posterior discussão sobre as ações de indexação social de conteúdos na Web.

Trouxemos o trabalho de Gracioso e Pinto (2015), Gonçalves e Mucheroni (2012) e Miranda (2010) apenas como exemplos de alguns dos exercícios que tem sido feitos no campo da Biblioteconomia e da Ciência da informação, aproximando a intencionalidade das problematizações perseguidas por estes campos. Ao mesmo tempo, também aproveitamos a apresentação destes trabalhos, para introduzir alguns entendimentos sobre a intencionalidade, seja pela perspectiva de Brentano, Husserl ou Searle, já que não abordaremos estas discussões mais enfaticamente neste texto.

OS CAMINHOS DA INTENCIONALIDADE EM WITTGENSTEIN: ALGUNS PONTOS DE PARTIDA

O caminho que tentaremos produzir aqui, a partir de agora, seria ainda o de dar um passo anterior, procurando identificar outras formas e abrangências possíveis para compreensão do que seria a intencionalidade. Isto para procurar, mais uma vez, analisar em que medida algumas problematizações do universo das pesquisas e das ações que envolvem a informação, podem ser mais bem compreendidas a luz de conceitos filosóficos, como por exemplo, a intencionalidade. Principalmente as questões que envolvem as ações de busca e organização compartilhada de informações na Web. Por isto, é que entendemos que precisaremos também arriscar outras formas de compreender o que poderia ser a intencionalidade refletindo sobre a sua relação com estes processos. Retomamos então, nosso contato com L. Wittgenstein, para procurar alargar nossa compreensão sobre o que seria a intenção, a intencionalidade, o ato intencional. A compreensão wittgensteiniana sobre a expectativa e satisfação, que esta intimamente relacionada à sua noção de intenção e intencionalidade, pode ser pensada de modo muito aproximado às ações que envolvem o processo de busca e recuperação da informação (que por sua vez, se fazem via gramáticas).

De antemão, já ousamos dizer que Wittgenstein parece não compartilhar das ideias de Brentano e Husserl, no que diz respeito ao fato da intencionalidade ser um processo mental, a priori. Machado (2010) a partir da citação e tradução que faz do trecho do livro *Introduction to Phenomenology*, de Moran (2000), confirma que na obra wittgensteiniana é feito um caminho paralelo para o que seria “[...] uma ciência da consciência fundada na elucidação das estruturas intencionais dos atos e de seus objetos correlativos, o que Husserl chamava de estrutura noético-noemática da consciência.” (Moran 2000, 16. Traduzido por Machado 2010, 8)

O primeiro Wittgenstein (do *Tractatus*) se dispôs a explicar como um signo proposicional poderia representar a realidade. Mas o segundo Wittgenstein (das *Investigações*) rompe com a ideia de que: “(...) a representação pressupõe um isomorfismo entre uma proposição e um estado de coisas possível” (Glock 1998, 214). Entraria neste momento, uma espécie de relação harmônica entre pensamento e realidade, que daria mais abertura para participação do entorno na ação de significação. Os questionamentos do filósofo diz respeito sobre como podemos saber sobre aquilo que pensamos, desejamos, temos expectativas. A intencionalidade estaria antes da linguagem.

Glock nos reapresenta um exemplo utilizado por Wittgenstein, nas *Observações*, que nos ajuda a compreender o alcance de sua defesa:

Ao dizer quero, digamos, uma maçã, estou declarando *aquilo que* quero e não fazendo previsões ou conjecturas sobre o poder que tem a maçã de aquietar um sentimento de insatisfação. Tampouco interpreto aquilo que quero ou aquilo em que creio a partir do exame introspectivo de um estado ou processo mental, em vez disto, dou expressão a minha crença ou desejo” (Wittgenstein 2005, 215).

De alguma forma a noção de intencionalidade na obra wittgensteiniana questiona a relação entre sujeito e conteúdo assim como a relação direta de pensamento e realidade, embora defenda a existência de uma “harmonia entre pensamento e realidade”, e neste espectro caberiam às crenças, expectativas e desejos (Glock 1998).

A obra de Antonio Segato: *Wittgenstein e o problema da Harmonia entre pensamento e realidade* (2015) se dedica exclusivamente a analisar esta relação, que de alguma forma, será tocada ao longo de todas as nossas discussões. A harmonia de que estamos falando se daria, até onde pudemos entender, via gramática da linguagem. Seriam as regras gramaticais as responsáveis por possibilitar que a expressão de pensamentos pode se traduzir em enunciados sobre aquilo que os verifica, ou não (Glock 1998). A harmonia se daria entre proposições gramaticais (construídas e validades a partir de regras de vida, formas de vida) e não entre pensamentos e situações. “É na linguagem que expectativa e realização tocam-se (Wittgenstein 1989, 445)”.

Pautando na análise de algumas passagens de Wittgenstein, especialmente o aforismo 441 das *Investigações*, Glock explica: “O fato de que meu pensamento esteja “insatisfeito” não significa que eu *me sinta* insatisfeito até que ele seja “satisfeito”; posso, além disto, sentir-me insatisfeito com a satisfação de meu desejo, no caso de ficar desapontado”. Faz ainda mais uma análise do aforismo 439 e explica: “Pode-se abandonar a noção de satisfação, insistindo ainda na ideia de que os pensamentos se dirigem a algo extramental que a eles se ajusta, da mesma forma que um pistão se ajusta a um cilindro” (Glock 1998, 216). Procuraremos a partir do trabalho de Carvalho (2005), distendermos um pouco mais o que foi sumarizado por Glock.

Em texto produzido em 2005, Carvalho se dispôs a discutir a seguinte questão: o que é anterior: a linguagem ou a intencionalidade? No exercício desenvolvido para responder esta questão, a autora recorre a John Searle e também a Wittgenstein. Embora a análise sobre a intencionalidade em Searle seja obrigatória, precisaremos focar nossa busca pelo conceito de intencionalidade em Wittgenstein neste momento. Algumas noções fazem parte dos argumentos utilizados pela autora, com base em sua análise wittgensteiniana, como a compreensão de que o pensamento não precisaria estar atrelado à linguagem, mas a expressão do pensamento sim. Podemos ter estados intencionais antes de acionarmos a linguagem, como recordações, desejos, medos, e estes estados não

são descrições dos estados mentais, “[...]mas substitutos das manifestações naturais destes comportamentos” (Carvalho 2005, 410).

Mas talvez a obra que mais tenha aprofundado e ajustado as relações conceituais no percurso de produção filosófica de Wittgenstein identificando e significando a intencionalidade neste percurso, tenha sido Machado (2010). O autor traça o percurso da intencionalidade em Wittgenstein desde o *Tractatus* até as *Observações*. Procurando focar nossa análise sobre este trabalho, frente aos propósitos colocados para este texto, trazemos algumas explicações feitas pelo autor, da noção ampliada da intencionalidade, construída por Wittgenstein, especialmente em sua fase intermediária, momento em que também está construindo a noção de Jogo de linguagem. A fenomenologia lida, segundo o pesquisador, com a possibilidade de fenômenos e não com o acontecimento em si. “Ela lida, portanto, com as condições que devem ser observadas para que nossos enunciados tenham sentido, vale dizer, para que nossos enunciados descrevam possibilidades fenomênicas reais” (Machado 2010, 108). Existiria, em nossas proposições, um conteúdo que, segundo o autor, “[...] passa ao largo da experiência imediata, que não acha correspondente no mundo, e a despeito disso, nossas proposições não deixam de ter sentido” (Machado 2010, 105).

Pontualmente na seção *Intenção* de seu trabalho, Machado estrutura e apresenta o percurso de construção da noção de intenção e intencionalidade nas obras de Wittgenstein. Segundo o autor, a intenção é, de certa forma, “[...] o motor que condiciona todas as nossas formas de expressão do mundo, uma vez que ela aparece num estágio anterior ao da construção das proposições” (Machado 2010, 135). Ela estaria, metaforicamente operando o painel de controle, diz o autor, e o resultado dessa operação são as proposições (as expectativas, desejos, crenças). Outro conceito importante para entendermos melhor a alcance da intenção é a expectativa: “Uma expectativa é expectativa de algo, isto é, ela se dirige a um evento possível e só é a expectativa que é na medida em que se dirige a esse evento particular e não a outro” (Machado 2010, 136). Assim, até o limite de nossa compreensão, vemos que a expectativa teria alguma intenção que se expressaria no modo como procuramos

na realidade aquilo iria satisfazer nossas expectativas. Mas a satisfação da expectativa ocorre via figuração, pois é contingente e não poderia ser nomeada, por isto, seria possível. “[...] vemos que o essencial nas chamadas atitudes proposicionais é aquilo que elas contêm que lhes permite referir-se de uma maneira determinada ao mundo, as figurações do que é visado. (Machado 2010, 136). Esta afirmação muda o eixo da relação da figuração com o pensamento em Wittgenstein e irá ser determinante para aproximar a externalidade (da mente) na intencionalidade, proposta pelo autor.

No intuito de procurar circunscrever um pouco mais a definição de intenção e intencionalidade na obra wittgensteiniana, recuperamos uma reflexão feita por Mello (2014) a partir dos parágrafos §20 a §38 das *Observações Filosóficas*, dedicados pontualmente à discussão sobre a intenção. Organizada postumamente pelo alemão Rush Rhees, as “Observações” reúnem um conjunto de 238 aforismos organizados em 22 grupos, isto é, mantém o estilo de escrita do filósofo austríaco. Robert Hoffman, ao fazer a apresentação das *Observações*, explica que a intencionalidade na linguagem, seria o principal ponto de discussão de Wittgenstein e destaca que ele “Modifica a concepção figurativa do sentido, proposta no *Tractatus*, ao enfatizar que a ligação entre a proposição e a realidade não se acha na própria figuração.” (Wittgenstein 2005). O parágrafo 21 das *Observações* expõe claramente esta reorientação construída e assumida pelo autor: §21 “O que é essencial a intenção é a figuração: a figuração daquilo que se pretende”. (Wittgenstein, 2005, p.49).

Mello (2014) irá nos trazer a noção de expectativa presente em alguns parágrafos da obra wittgensteiniana:

‘isto era realmente aquilo que eu esperava?’ Isso porque a expectativa é definida em termos do evento que responde a ela, e não o contrário: não é o evento que é definido através de seu confronto com a expectativa como o confronto com um tipo de paradigma, mas, segundo o que o autor afirma no parágrafo §29, a expectativa é definida nos termos em tudo aquilo que a substitui, ou seja, em todos os eventos que a substituem (Mello 2014, 223).

La intencionalidad...

Haveria então uma extensionalidade para a linguagem uma vez que a expectativa seria o conjunto de todas as situações que poderiam substituí-la. Assim, a totalidade dos eventos é que definiriam o que é a própria expectativa (Mello 2014). Da mesma forma, as palavras são significadas a partir de seus contextos de uso na linguagem. Mello irá concluir que “Wittgenstein, apesar de sustentar aspectos intencionais da linguagem, como o propósito dos usos das palavras e a aplicação de padrões de medida no preenchimento de tais explicações, localiza o fundamento destes aspectos intencionais em bases extensionais, buscando uma conciliação destas duas concepções” (Mello 2014, 227).

Apresentados alguns pontos de partida prévios para introduzirmos a noção wittgensteiniana de intencionalidade, sem ousarmos recortar e unificar sua definição, arriscaremos, como exercício final de reflexão pensar sobre alguns alcances desta noção no plano reconfigurado das ações sociais de indexação na Web.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e ações que compõe o *mundo da vida* da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (BCI) estão imbuídas de intencionalidade. Identificar, selecionar, representar, mediar, descrever, indexar, analisar, recuperar, usar a informação, são ações produzidas a partir de, e produtoras de intencionalidades. Desenvolvemos um percurso neste texto, expondo alguns trabalhos que foram desenvolvidos no referido campo, que por sua vez identificaram a necessidade de compreensão sobre a intenção, a intencionalidade, o ato intencional. Na ocasião de análise destes estudos, encontramos a teoria da intencionalidade de Brentano, Husserl e Searle, e encontramos na reta final de nosso trajeto, L. Wittgenstein.

Motivados pelos questionamentos que nos ocorrem quando problematizamos as ações de indexação social na Web, perguntando sobre como é possível, comunidades inteiras, acordarem sobre a indicação e uso de conceitos para nomeação de conteúdos na Web. Cogitamos então que a resposta poderia estar intencionalidade. Mas

intuímos também que a intencionalidade, compreendida enquanto estatuto da consciência direcionada a algo (seja um objeto real ou imaginário), a algum objeto, sendo a consciência sempre, um ato intencional. Se representamos, sempre representaremos algo, se desejamos sempre desejaremos algo. Haveria uma existência interna de algo, nos fenômenos mentais, e este algo teria uma intencionalidade já, em si. Esta seria um pouco a noção de intencionalidade concebida por Brentano, por exemplo.

Mas, o nosso desafio foi procurar compreender a externalização desta intenção, deste processo mental, uma vez que ele é que se formata em expressões de indexação e buscas de informação compartilhadas. Precisariamos entender se haveria outra forma de pensarmos a intencionalidade. Neste momento é que recorreremos a Wittgenstein, por conta de experiências com pesquisas anteriores, que nos possibilitaram identificar em sua filosofia, a abertura coerente e necessária para compreendermos as ações de uso da linguagem, e de construção social de significados. De alguma maneira, foi novamente a obra de Wittgenstein quem nos apresentou outra perspectiva de compreendermos a construção da intencionalidade. Para o autor, especialmente em seu período intermediário e tardio, as formas de vidas e as regras estabelecidas socialmente e dinamicamente, é que viabilizam a construção de gramáticas que regulam o uso e a significação da linguagem em jogos de linguagem. Wittgenstein não seguiria a ideia de que a intencionalidade é algo mental, de relação direta entre sujeito e conteúdo, ou de pensamento e realidade. O que de fato haveria seria a harmonia entre a realidade e o pensamento.

A intencionalidade contemporânea, aquela mental, estaria enfeitada também pela metafísica e pelo uso de gramáticas inconsistentes. Por isto, a discussão de Wittgenstein, sobre a intencionalidade, passa pela linguagem, pela necessidade de compreendermos os processos dinâmicos e sociais implicados e orientadores da construção das gramáticas que são utilizadas para algum nível de pensamento e principalmente para a sua expressão. Temos um arsenal de possibilidades de intencionalidades relacionadas a um mesmo “algo” em nossas mentes. Talvez a explicação feita por Machado (2010) nos ajude neste momento final:

La intencionalidad...

Mas então resta saber o que é a intenção de que Wittgenstein fala. Em PhB §21 (MS 107, 289), Wittgenstein faz equivaler *Intention e Absicht*, o que parece evocar a ideia de “*beabsichtigen Gebrauch*” que aparecera em PhB §15, em meio ao símile da caixa de câmbio: se uma caixa de câmbio de quatro marchas não pode assumir, por conta de impedimentos materiais, senão uma marcha, ainda assim ela é uma caixa de câmbio com 4 marchas – há 4 usos visados, possíveis, dela, mesmo que eles nunca venham a acontecer. Assim, a palavra “intenção” parece dirigir nossa atenção àquilo que aparece na linguagem apenas como o que é meramente visado, que não existe, e é essencial a esse elemento intencional da linguagem a *Bild*, a figuração do que é visado.” (Machado 2010, 131).

A partir disto, pensamos que a totalidade de expectativas manifestadas nas ações de indexação social, podem não ser supridas completamente (enquanto relação direta de pensamento-linguagem-realidade), mas mesmo assim, fazem sentido para quem indexa colaborativamente ou recupera conteúdos a partir da indexação coletiva manifestada. Isto porque, algum aspecto desta expectativa, foi explicitado e reconhecido. Assim, linguagem e expectativas tocam-se, sem ser necessária uma relação figurativa objetiva, ou representacional direta. Haveria um encontro entre as figuras sobre o que é visado. Essa natureza é que, em nosso entendimento, daria as condições para que ações de indexação social, por exemplo, sejam feitas colaborativamente sendo ao mesmo tempo significativas para diferentes sujeitos.

REFERÊNCIAS

- Carvalho, Joelma Marques de. *O que é anterior: linguagem ou intencionalidade?* Kairós, 2005.
- Glock, H. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- Gonçalves, R. A. e M. L. Mucheroni. “Questões Epistemológicas sobre o Aspecto Ontológico - Fenomenológico da Informação: a Intencionalidade e a Representação”. In: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. 12, 2012. Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: ANCIB, Rio de Janeiro, 2012.
- Gracioso, L. S e L. Pinto. “Sobre os limites e alcances da interpretação: reflexões a partir de Heidegger, Husserl e Wittgenstein”, *Logeion: Filosofia da informação, Rio de Janeiro*, v. 2, n. 1 (2015, 2016): 90-107.
- Husserl, Edmund. *Investigações lógicas: sexta investigação*. São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- Lévinas, Emmanuel. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 1998.
- Machado, R. H. P. O vínculo entre a linguagem e a realidade Wittgenstein acerca da intencionalidade, do Tractatus às Bemerkungen, 2010. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2010.
- Mello, M. R.; “A intencionalidade nos parágrafos §20 a §38 das Observações Filosóficas de Wittgenstein”. In: Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica, 8, São Paulo. *Blucher Philosophy Proceedings*. São Paulo: Blucher, 2014.
- Miranda, M. K. F. de O. O acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da intencionalidade para a findability, 2010. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) - Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2010.
- Moran, D. *Introduction to Phenomenology*. Londres: Routledge, 2000.

La intencionalidad...

Muller, M. E. Intencionalidade: a possibilidade de um modelo pragmático, 2016. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp: Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Campinas, 2016 (no prelo).

Saldanha, G. S. e L.S. Gracioso. “Filosofia da linguagem e Ciência da Informação na América Latina: apontamentos sobre pragmática e linguagem ordinária”. In: Miguel Ángel Rojas (org.). *El problema del lenguaje en la bibliotecología / ciencia de la información / documentación. Un acercamiento filosófico-teórico*, 1-32. Cidade do México: UNAM, 2014.

SEARLE, J. R. *Intencionalidade: um ensaio de filosofia da mente*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1999.

Wittgenstein, L. *Observações filosóficas*. São Paulo: Loyola, 2005.

———. *Tractatus-Logico Philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001.

———. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

———. *Los cuadernos azul y marrón*. Madrid: Editorial Tecnos, 1968.